

SABRINA JEFFRIES



UM DUQUE PARADIANA

Escola de Debutantes





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

UM DUQUE PARA DIANA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a

esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SABRINA JEFFRIES

UM DUQUE PARA DIANA

Escola de Debutantes



1



ARQUEIRO

Título original: *A Duke for Diana*

Copyright © 2022 por Sabrina Jeffries

Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Os direitos morais da autora estão assegurados.

tradução: Michele Gerhardt MacCulloch

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Carolina Rodrigues e Pedro Staite

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Kensington Publishing Corp.

adaptação de capa: Miriam Lerner | Equatorium Design

imagens de capa: Laura Ranftler / Arcangel (mulher); Evelina Kremisdorf / Arcangel (fundo)

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J49d

Jeffries, Sabrina

Um duque para Diana [recurso eletrônico] / Sabrina Jeffries ;
tradução Michele Gerhardt Macculloch. - 1. ed. - São Paulo :
Arqueiro, 2023.

recurso digital (Escola para debutantes ; 1)

Tradução de: *A duke for Diana*

Continua com: *O que acontece no baile*

Formato: epub

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-516-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Macculloch,
Michele Gerhardt. II. Título. III. Série.

23-83290

CDD: 813
CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minhas amigas escritoras Rexanne Becnel e a falecida Claudia Dain – obrigada por me ensinarem tudo sobre moda e como adequar as roupas ao tipo de corpo e coloração pessoal de cada um. Sou imensamente grata pelos nossos muitos anos de diversão juntas.

sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

Epílogo

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

PRÓLOGO

Londres
Primavera de 1807

Depois de horas no baile mais vazio da cidade, nem sequer um cavalheiro tirara lady Diana Harper para dançar. Isso não a surpreendia. Tornar-se pária na alta sociedade significava passar todos os eventos sociais sentada em um canto, tomando chá de cadeira. Ela e a irmã mais nova, Verity, vinham tomando altas doses desse chá amargo.

Ainda assim, não dariam a ninguém a satisfação de ficarem em casa, escondidas. E daí que a mãe delas tinha causado um escândalo ao fugir com o general de divisão Tobias Ord? E daí que o pai, o poderoso conde de Holtbury, estivesse se divorciando por esse motivo? Não era culpa de Diana nem de Verity, então elas se recusavam a agir como se fosse. Em vez disso, iam a todos os eventos sociais a que eram convidadas.

Não eram muitos.

A irmã mais velha, a Sra. Eliza Pierce, tivera a sorte de já ser casada quando a mãe resolveu ir atrás da própria liberdade. Sempre que alguém lhe fazia uma crueldade, Eliza podia correr para os braços fortes do marido. Já Diana e Verity só podiam fingir que nada de ruim acontecera e desafiar a alta sociedade a atormentá-las por algo que *não era culpa delas*.

Diana suspirou. Quem sabe, se repetisse isso várias vezes, passasse a acreditar? Talvez, assim, finalmente elas fossem chamadas para dançar, em vez de serem forçadas a ficar num canto, vendo a própria juventude passar.

Deus do céu, estava melancólica! E, para piorar, aquela orquestra tocava alto demais, o que a deixava com dor de cabeça. Talvez fosse melhor ir para casa, onde, pelo menos, poderia escutar os próprios pensamentos.

Pela graça divina, a música terminou naquele instante. A amiga delas, a Srta. Isolde Crowder, se aproximou, com os cachos castanho-acinzentados balançando.

– Estou tão feliz por vocês terem vindo! Mamãe queria que a festa fosse um sucesso, mas eu sabia que era pouco provável.

Isolde e Diana tinham 20 anos e a amizade entre elas começara ao embarcarem juntas em sua primeira temporada de eventos sociais. Estavam na segunda e, a julgar pelo andar da carruagem, ambas precisariam de uma terceira. E uma quarta, quinta...

Diana não queria pensar naquilo. Isolde deixara de fisgar um marido no ano anterior não por conta de algum escândalo, mas por ser da cidade. Casar-se com uma mulher da cidade, mesmo rica, não era algo em voga. Diana não tinha conseguido ninguém por causa dos boatos sobre as traições de seus pais.

E Verity tinha acabado de ser apresentada à rainha e de debutar em seu primeiro baile quando a pista de dança lhe foi tirada, por assim dizer, por causa da fuga da mãe delas. Aos 19 anos, fora condenada e excluída dos círculos sociais. Não era justo.

Verity ergueu uma sobrancelha.

– Fiquei surpresa por sua mãe nos querer aqui, considerando a nossa fama.

O toque de amargura na voz dela fez com que Diana se lembrasse que a irmã tinha motivo para ser amarga, já que perdera um bom pretendente por causa do comportamento dos pais.

– Ela não queria, mas ameacei não vir caso não convidasse vocês três – contou Isolde, indignada.

– Você é uma boa amiga, Isolde, e nós somos gratas – disse Diana. – Infelizmente, todas as outras pessoas acham que fomos maculadas pelo pecado da nossa mãe, como se tivéssemos entrado naquela carruagem com ela.

– Espero que a situação não seja tão ruim quanto parece – comentou Isolde, sempre otimista.

Diana abriu um sorriso malicioso.

– Nós duas sabemos que a temporada de Verity e a minha ainda não deram os frutos esperados.

Uma dama que estava por perto riu, o que chamou a atenção de Diana. Era a segunda vez naquela noite que percebia a mulher entreouvindo suas conversas. Diana não a conhecia, mas, como não havia outra pessoa por perto, só podia estar rindo do que ela dissera.

Diana não podia nem imaginar por quê.

– Melhor mudarmos de assunto.

Deu as costas para a dama e apontou para o traje de Isolde, um vestido de seda cinza com uma sobreposição em renda prateada e lindas manguinhas bispo com acabamento de fita.

– Seu vestido ficou ótimo. Combina com você.

Isolde abriu um sorriso para a amiga.

– Obrigada por desenhá-lo. Tenho certeza de que foi graças a ele que fui tirada para dançar tantas vezes esta noite. Se tivesse deixado nas mãos da mamãe, eu estaria com um vestido de cetim amarelo com enormes flores cor-de-rosa cobrindo o meu... colo.

– Meu Deus! – exclamou Verity. – Isso seria horrível!

A dama ao lado começou a rir, e Diana se lembrou de quanto ela e as irmãs eram vigiadas nos últimos tempos.

– Verity – chamou Diana, baixinho. – Essa não é uma conversa apropriada para uma jovem dama.

– Enormes flores cor-de-rosa cobrindo o colo também não são algo apropriado para uma jovem dama – rebateu Verity, de mau humor. – Graças a Deus você interferiu. Até eu sei que Isolde ficaria deplorável com aquele tom. O amarelo é perfeito para mim, mas...

Ela pediu desculpas à amiga com um sorriso.

– A sua pele branquíssima ficaria muito pálida.

– Na certa a modista teria convencido sua mãe a mudar de ideia – comentou Diana.

– Duvido – retrucou Isolde. – Mamãe é a dama que mais encomenda vestidos na loja da Sra. Ludgate, então a modista nunca ousaria contrariá-la. *Eu* mal consigo contrariá-la. Ela é muito teimosa.

Isolde tocou seu colar de contas de azeviche.

– Por falar nisso, nem pude perguntar o que ela achou do meu colar, porque não confio no gosto dela.

– Com razão – murmurou Verity.

Isolde fingiu não ter escutado a amiga.

– Mas quero que me digam se o colar combina com meu vestido.
– Combina muito – assegurou Diana. – E a sua bolsinha é perfeita. As fitas de seda cinza e pretas contrastam bem com a renda brilhosa. Como sempre, você tem muito mais bom gosto do que imagina.

– Obrigada – disse Isolde, corando de leve. – Que alívio!

Ela se virou para Verity.

– Tentei implementar suas ideias de decoração, mas mamãe...

Ela arregalou os olhos.

– Ah, meu Deus, ela me viu. É melhor eu ir conversar com os outros convidados ou ela não vai parar de falar sobre isso nunca mais.

Quando Isolde se afastou, Verity soprou os cachos castanho-dourados da própria testa.

– Está tão quente aqui!

Pegou o leque de Diana e começou a abanar o colo imaculado.

Diana balançou a cabeça.

– Eu avisei para não usar veludo na primavera. Nesta época do ano, o clima é imprevisível.

– Mas eu gosto de veludo.

– E eu gosto de pais que não estão em uma guerra pública um com o outro, mas nem sempre conseguimos o que queremos.

Diana olhou para a frente, ignorando a senhora que as encarou e fingiu não conhecê-las.

O semblante da irmã se fechou.

– Enfim, agora que me liberei de lorde Minton, estou decidida a vestir o que eu quiser. Ele odiava veludo, então eu não usava. Nunca mais farei algo assim por um homem. O que consegui com isso? Vou usar o que bem entender. E que se dane o que os outros pensam.

– Você não deveria praguejar.

– Vou praguejar se tiver vontade. Você deveria fazer mais isso. Acredite em mim, é libertador.

Verity espirrou e então apontou com o leque de Diana para os enormes arranjos de lírios, glicínias e rosas colocados a cada três metros.

– A mãe de Isolde faz o que quer e consegue tudo o que quer. Por que eu não posso? Sinceramente, quem pensaria em juntar essas três flores? O cheiro fica forte demais.

– Talvez ela quisesse amenizar o cheiro das tortas de salmão.

– Você não comeu nenhuma, comeu? – perguntou Verity, preocupada. – Só de sentir o cheiro, eu saí correndo.

– Não cheguei nem perto. Confesso que fiquei decepcionada com os biscoitos também. Estão enjoativos de tão doces. Só os de amêndoa se salvam. Isolde me disse que ela mesma os escolheu. São os preferidos dela.

– Não comente com Isolde, mas, exceto pelos biscoitos de amêndoa, acho que a comida deixou a desejar. As perdizes assadas estavam muito secas, as empadas de caranguejo, molhadas demais. E, apesar de o manjar ter ficado lindo com formato de cesta de frutas, tinha gosto de alho. Fico arrepiada só de pensar nos ingredientes.

– Alho, talvez? – sugeriu Diana. – Acredite em mim, Isolde tentou dar conselhos à mãe sobre tudo neste baile, mas a mulher não ouve. Pobre Isolde... ter uma mãe como essa...

– Nada de pobre Isolde. – Verity balançou a cabeça. – Ela deixa isso acontecer. Deveria enfrentar a mãe.

– Da mesma forma que enfrentamos o papai?

– É diferente. Ele é homem.

– Verdade.

Um homem de quem elas dependiam. Diana amava o pai, mas, às vezes, ele era tão rigoroso que ela queria gritar. Porém não ousava. Ele tornava a vida delas um inferno quando queria provar algo – em geral, que sua forma de resolver as coisas era melhor.

Era o que ele vinha fazendo, ao buscar o divórcio. Tentara fazer com que a esposa se envergonhasse de seu comportamento e voltasse para casa, mas ela estava a par do que metade da sociedade também sabia: que o marido não se comportava como um homem casado. Ao mesmo tempo, algumas pessoas diziam que Diana tinha os mesmos olhos castanhos, o cabelo ruivo horroroso e as sardas do primeiro amor da mãe. Era a única na família com esses traços.

Ainda assim, esse boato com certeza era falso. Ela *esperava* que fosse, pelo menos. Se era verdade, o pai nunca deixara transparecer. Era igualmente duro com todas as filhas. E a mãe nunca falara nada a respeito. Às vezes Diana se perguntava...

Verity olhou para o salão.

– Só estou dizendo que Isolde deveria ser mais segura quanto à própria opinião. Ela é inteligente e bonita. E tem um ótimo gosto para roupas quando não dá ouvidos à mãe. Se a mãe dela não a levasse pelo caminho errado... e Isolde não aceitasse... ela já estaria casada, eu diria.

Eliza se juntou a elas.

– Concordo. Isolde seria um tesouro para qualquer homem.

– Não está dizendo isso só porque ela aceitou seu conselho sobre o cabelo, está? – indagou Verity.

– Não.

Eliza sorriu.

– Eu fiquei feliz de verdade em ajudá-la com o penteado. E muito satisfeita por ela ter escolhido a minha ideia de usar um arranjo de fitas em vez do turbante. Ela é jovem demais para usar turbante em um baile.

A música começou de novo, ainda mais alta do que antes. Eliza fez um gesto para que as irmãs a acompanhassem até a varanda.

– Ah, muito melhor – disse Diana, enquanto iam para a outra ponta da varanda, bem longe da porta. – Eu juro que meus tímpanos estavam estourando.

Eliza assentiu.

– Qualquer pessoa que contrate vinte músicos para tocar quando três seriam suficientes não deveria ter permissão para dar um baile.

Ela suspirou.

– Isolde merece mais do que isso. A Sra. Crowder é o exemplo perfeito da regra que diz que não se deve fazer algo só porque você *pode*.

– Devo salientar que, infelizmente, a mamãe é outro exemplo disso – acrescentou Verity. – Por que ela não podia esperar até que todas nós estivéssemos casadas para fugir e forçar o papai a pedir o divórcio?

– Tenho certeza de que ela diria que foi porque estava apaixonada – opinou Diana. – Embora eu desconfie que foi mais porque ele era um viúvo bonitão e ela ficou com medo de que outra mulher o conquistasse antes.

Alguém deu uma tossidinha. Assustadas, elas se viraram e perceberam que a dama que estivera escutando a conversa delas as seguira até a varanda.

– Sei que isso não está de acordo com as regras de etiqueta – disse ela, com um sotaque que Diana não conseguiu reconhecer –, mas eu gostaria de me apresentar. Sou a nova esposa do conde de Sinclair. Suponho que sejam as três filhas de lady Holtbury, certo?

Apesar de desconfiar do motivo da pergunta, Diana fez as apresentações.

– Muito prazer em conhecê-las – disse a condessa, abrindo um sorriso genuíno. – Garanto que nem todos estão contra vocês. Eu mesma acho uma pena que sejam julgadas pelos erros de sua mãe. De toda forma, não pude deixar de escutar a avaliação de vocês sobre este baile e gostaria de saber como teriam melhorado a situação.

Ela piscou para Eliza.

– Além de contratar menos músicos.

Eliza ficou com as bochechas coradas, então Diana logo disse:

– A senhora deve estar nos achando muito rudes por criticar um evento para o qual fomos convidadas de forma tão generosa...

– Nem um pouco. Concordo com tudo o que disseram. E vou além.

Lady Sinclair fechou a porta que levava ao salão de baile.

– Na verdade, ficaria muito grata se me fizessem companhia e respondessem a algumas perguntas. Tenho que dar um baile em breve, sou americana e nunca fiz nada parecido em Londres. Conselhos seriam muito bem-vindos. Por exemplo, lady Diana, que traje escolheria para que eu usasse em minha festa?

Diana decidiu ser cautelosa.

– Pelo que me parece, a senhora já tem muito bom gosto para roupas. Seu vestido de musselina e seu xale xadrez são muito elegantes e combinam com seu estilo.

– Isso porque foi minha criada que montou todo o meu figurino para esta noite. Mas, na semana passada, ela escolheu uma gola elisabetana para acompanhar um vestido diurno. Até eu sei que não tenho pescoço para aquilo.

Diana relaxou.

– Ninguém tem pescoço para uma gola elisabetana, nem mesmo a própria Elizabeth I.

Ela olhou para o corpo esbelto e o pescoço comprido da irmã.

– Bem, talvez Verity. Mas nenhuma outra pessoa que eu conheça.

– De toda forma – disse a condessa –, não posso confiar no meu gosto nem no de minha criada. Ela é muito nova e muito escocesa. Ainda estou aprendendo a lidar com os escoceses. E com os ingleses também.

– Se a senhora está em busca de alguém que lhe dê conselhos sobre moda – disse Diana –, eu ficaria muito feliz em ajudá-la. Minha vida social não está muito agitada atualmente.

E seria bom para a Sra. Ludgate ter uma cliente de vulto como lady Sinclair.

– Eu adoraria! – exclamou a condessa. – Mas, antes de começarmos nossos planos, gostaria de fazer uma pergunta à sua irmã. Lady Verity, se a senhorita pudesse mandar na cozinha, o que serviria?

Verity, a quem nunca faltara autoconfiança, respondeu de forma audaciosa:

– A família Crowder é rica o bastante para oferecer vários pratos, então as *minhas* escolhas seriam uma variedade de frios fatiados, incluindo carne assada de veado e de peru desfiado, torta de lagosta, bolinhos da Vestfália, diversos tipos de conserva...

– Nada de cebolas assadas e torradas com anchovas, como a cozinheira da Sra. Crowder está servindo? – indagou a condessa.

– Decerto que não.

Verity se inclinou para chegar mais perto de lady Sinclair.

– Quem quer ficar com hálito de cebola ou anchova ao cortejar alguém? As damas até conseguem evitar essas comidas nos bailes, mas os cavalheiros nem sempre pensam da mesma forma. Eles comem de tudo, sem o menor cuidado com o cheiro que exalarão depois.

A condessa parecia segurar o riso.

– Verdade. E o que são esses bolinhos da Vestfália?

– Existem diferentes receitas, mas, basicamente, a massa é feita de purê de batata misturado com ovos, manteiga e leite, então moldamos bolinhos e fritamos. Podemos colocar pedacinhos de bacon ou queijo também.

– Parecem deliciosos! – comentou lady Sinclair. – E para a sobremesa? Precisamos de sobremesas: lorde Sinclair é uma

formiguinha. O que a senhorita sugere?

– Talvez a senhora não saiba – respondeu Verity –, mas a confeitaria Gunter's fornece doces, sorvetes e tortas para eventos como o seu. São muito populares nos bailes.

– E acredito que muito caros – acrescentou a condessa em um tom irônico.

– Desculpe-me – disse Verity, preocupada. – Isso seria um obstáculo? Posso sugerir outros doces se a senhora preferir.

Lady Sinclair riu.

– Segundo meu marido, não seria o menor obstáculo. Mas as senhoritas sabem como são os homens: preferem pagar menos se puderem.

Ou conseguir o dinheiro de alguma outra pessoa.

No momento, no processo de divórcio, o pai delas tentava forçar o general de divisão Ord a lhe pagar uma soma considerável por alienação de afeto. Era sua forma de se vingar. Mas nenhum dos pombinhos parecia se importar com essa retaliação. O militar era riquíssimo, então as exigências do pai delas não seriam uma vingança tão grande assim.

– Bem – disse a condessa, parecendo perceber o silêncio de Diana. – Eu adoro os sorvetes da Gunter's, ainda mais no verão. São muito refrescantes.

– São mesmo – concordou Verity e sorriu. – Eu poderia negociar com os donos em seu nome, lady Sinclair, se a senhora quiser contratá-los para seu evento.

– Que coincidência a senhorita mencionar isso. Veja, embora seja muito útil receber os conselhos de vocês três, prefiro *contratá-las* para planejar todo o evento.

Ela abriu um sorriso acanhado.

– Principalmente porque ele acontecerá daqui a duas semanas.

Eliza perdeu o ar, Verity sorriu e Diana fitou a condessa, boquiaberta.

Diana foi a primeira a falar.

– A senhora sabe que... bem... não seria muito bem-visto aceitarmos pagamento por ajudá-la.

Lady Sinclair piscou.

– Ah! Claro. Eu me esqueci que a sociedade inglesa não aceita esse tipo de coisa. Mas a verdade é que não tenho a quem recorrer.

Meus criados são novos ou acostumados apenas a cuidar da casa de um solteiro, e meu marido não tem mulheres da família por perto. Nem eu... não na Inglaterra.

Diana se apressou em tranquilizá-la.

– Não estou dizendo que não ficaríamos encantadas em ajudá-la, só que não podemos aceitar receber por isso. A senhora entende?

– Fale por si mesma – retrucou Verity e devolveu o leque de Diana como se fosse sair naquele momento para ajudar lady Sinclair.

– Fico feliz em aceitar qualquer tipo de pagamento, contanto que tenha carta branca para decidir tudo na cozinha para o jantar do baile.

– Verity! – exclamou Diana. – Papai nunca mais falaria conosco.

– E isso seria ruim? – Verity deu de ombros. – Além do mais, ele nem vai perceber – acrescentou ela, e então seu tom se tornou mais duro. – Está ocupado demais tentando destruir o general Ord.

Diana estremeceu ao escutar a perspectiva fria, porém precisa, da irmã.

– Basta.

Ela se virou para a condessa.

– Se a senhora não se importar, preferimos discutir isso a sós antes de tomarmos uma decisão. Moramos na Hanover Square. Se a senhora puder nos visitar amanhã, teremos uma resposta sobre o pagamento. Creio que falo por mim e por Verity quando digo que ficaríamos muito felizes em ajudá-la, com ou sem remuneração. Não temos exatamente muitos homens nos tirando para dançar, nos visitando ou convidando para festas. E os que fazem isso têm certas expectativas...

Verity ergueu uma sobrancelha.

– Digamos que eles supõem que sejamos como a nossa mãe... inaceitáveis para nos tornarmos esposas, mas adequadas para papéis menos respeitáveis – explicou a caçula. – Tenho certeza de que a senhora entende.

– Infelizmente, entendo.

Os olhos azuis de lady Sinclair faiscaram de indignação.

– Alguns homens querem colocar qualquer jovem bonita nesse tipo de papel... se conseguirem.

Ela olhou para Eliza.

– Mas pelo menos uma de vocês conseguiu um casamento respeitável.

– Sim, foi antes do incidente.

Como a condessa pareceu não entender, Diana se apressou em explicar:

– É assim que nos referimos à fuga da nossa mãe com outro homem. Como uma amiga minha disse, “mamãe é casada, mas está namorando”.

– Entendo.

Lady Sinclair encarou Eliza mais uma vez.

– Gostaria de se juntar às suas irmãs, Sra. Pierce? Eu certamente precisarei dos seus conselhos musicais.

– O dinheiro me seria muito útil – respondeu Eliza, baixinho.

Isso surpreendeu Diana. Desde quando Eliza e o marido tinham começado a ter dificuldades financeiras?

– Então, sim, eu ficaria encantada – acrescentou a irmã mais velha.

A condessa sorriu como se o fato de elas concordarem fosse uma conclusão inevitável.

– Bem, já me demorei demais longe do meu marido. Vejo as senhoritas amanhã de manhã.

E, com isso, a condessa se encaminhou para a porta.

Diana se virou para as irmãs.

– Não posso acreditar que pretendem receber dinheiro para fazer isso.

Verity estreitou os olhos.

– Por acaso não pensou que, por causa do incidente, talvez nós nunca consigamos nos casar? Nossas únicas opções seriam morar com papai ou nos tornarmos governantas. Que divertido! – acrescentou ela de forma ácida. – Ou, pior, podemos acabar como acompanhantes de matronas idosas que vão nos dar sermões sobre moralidade e falar mal de nossa mãe.

– Papai vai nos sustentar enquanto precisarmos – opinou Diana, determinada a não pensar nas outras opções.

– Até depois que ele se casar? Você sabe muito bem que, assim que conseguir o divórcio, ele vai se casar com outra mulher; ainda precisa de um herdeiro. Vai encontrar alguma jovem corpulenta e logo nós seremos as solteironas que vão cuidar dos filhos da nova esposa dele.

– Você *precisa* parar de ler esses livros góticos, Verity – repreendeu-a Diana. – Nós não moramos em um castelo sombrio e papai não é um vilão cruel que nos maltrata.

– Não, ele é pior – intrometeu-se Eliza. – Ele é o pai de *A Bela e a Fera* que aceita que a filha fique em seu lugar como “convidada” da Fera. Fingir que nada acontece e não defender a própria família é um ato de vilania. Onde está nosso pai quando precisamos dele? Indo ao tribunal para lavar roupa suja na frente de todos. Quem está sofrendo com isso? Vocês duas. E eu, do meu jeito. Deus sabe que a mamãe não. Ela provavelmente está se divertindo como nunca.

Algo no tom desesperado da irmã fez com que Diana sentisse a dor dela. Para todas as outras pessoas, Eliza parecia a esposa perfeita e feliz. Mas Diana tinha percebido que o sorriso da irmã era forçado, que seus olhos azuis estavam preocupados e que suas palavras eram amarguradas. Será que Eliza estava tendo problemas por causa da mãe delas?

Diana descobriria a razão daquilo. Eliza merecia o melhor que o mundo podia oferecer.

– A propósito, eu ia comentar mais cedo como você está linda hoje.

O cabelo brilhoso de Eliza estava preso com uma fita delicada no tom exato de marrom que acentuava o louro de suas madeixas. O vestido de seda rosa valorizava sua forma de ampulheta e seus sapatos lhe acrescentavam os centímetros de que tanto precisava. Claro que Diana escolhera o traje de Eliza – moda era sua paixão. Mas a joia de ouro parecia presente do marido, pois Diana não reconheceu a peça intrincada e ficou surpresa de ele ter comprado algo tão romântico.

– Eu me sinto chamativa, interessante demais – resmungou Eliza.

As irmãs se aproximaram mais dela.

Verity foi a primeira a perguntar:

– Você está esperando?

– Esperando quem?

Eliza levou alguns instantes para entender a pergunta.

– Ah, se estou grávida? Não. Nada disso – respondeu ela, então suspirou. – E acho melhor contar logo, já que vão descobrir em breve. Aparentemente, sem me consultar, meu marido decidiu ir para a

guerra. Ele adquiriu uma patente de oficial e pretende se juntar ao seu novo regimento em Portugal o quanto antes. E *não* quer que eu o acompanhe, mesmo sendo permitido.

– Faz sentido.

Diana pegou as mãos da irmã. Seu coração palpitava só de pensar na doce Eliza seguindo o marido para a guerra.

– Seria perigoso. Ele está pensando em você.

– Está mesmo? Três anos de casado e ele não vê a hora de me deixar.

– Para servir ao país – destacou Verity. – É muito nobre, pelo menos.

– Talvez. Mas ele não disse que esse é o motivo. Nunca se interessou em ser oficial. Com a posição dele, poderia ter feito isso antes. A única razão em que consigo pensar é que ele odeia o escândalo e a fofoca que nos cercam. Ele garante que não é por isso, mas...

– Você deveria escutar o que ele diz – aconselhou Verity e abraçou a irmã. – Além disso, o motivo não importa. Só o que importa é que estamos aqui para apoiá-la sempre que precisar.

– Eu agradeço.

Eliza estava à beira das lágrimas.

– A casa ficará muito solitária sem ele. Não sei como vou suportar.

– Se continuarmos ajudando damas com os eventos sociais – disse Diana secamente –, teremos que ir morar com você para o papai não ver.

O rosto de Eliza se iluminou.

– Que ideia brilhante! Será muito mais fácil coordenar os planos se estivermos todas sob o mesmo teto.

– Eu falei de brincadeira, Eliza – disse Diana.

– Mas nós poderíamos fazer isso, não é? – indagou Verity. – Seria fácil convencer o papai de que Eliza precisa de nós, já que o Sr. Pierce vai para a guerra.

– Ah, sim – disse Eliza. – E, desde que me casei, aprendi muito sobre como administrar a casa e as contas. Não deve ser tão mais difícil administrar um negócio. Podemos até cobrar taxas altas, assim só trabalharemos para clientes de quem gostarmos ou conhecermos pessoalmente.

– Exato! – exclamou Verity. – Além disso, a alta sociedade só dá valor ao que lhe custa rios de dinheiro. Quanto mais alto o nosso preço, mais vão querer nos contratar. E, se Eliza vai precisar viver com a renda de um oficial, o dinheiro será útil.

Diana fechou a cara para as duas.

– Verity, você não percebe que, uma vez que nós começemos a fazer isso, se nós fizermos, não teremos como voltar atrás? Não haverá mais temporadas, não teremos mais chances de encontrar um marido respeitável.

A jovem bufou.

– Como se tivéssemos alguma esperança agora. Além do mais, perdi a vontade de ir a bailes só para tentar conversar por uns instantes com algum homem ou, quem sabe, dançar. Prefiro mil vezes encher o cofre para meu futuro como uma grande dama da sociedade, dando meus conselhos para as damas que eu considerar dignas deles.

Ela lançou um olhar malicioso para Diana.

– Admita que seria uma ótima vingança contra todas as matronas da sociedade que estão virando a cara para nós. Lady Sinclair se ofereceu para nos pagar. Por que não aceitar?

Porque Diana temia se arrepender. Ainda que o canto da sereia que falava de uma chance de independência, de viver como bem entendesse, fosse uma forte tentação.

– Suponho que, se quisermos manter nossa posição atual, podemos doar os lucros para a caridade.

– Isso! – disparou Eliza e seu rosto mostrava toda a sua empolgação. – Eu não precisaria de muito para mim. O restante poderia ir para as instituições de caridade que escolhermos.

Às vezes Diana entendia por que a mãe se cansara de ficar sob as asas do pai, presa a ele: todos os afazeres domésticos dela tinham recaído sobre Diana e Verity. Se elas fossem embora também, conseguiriam escapar das constantes críticas e das exigências sem fim do pai. Estariam em outra casa – supondo que Samuel Pierce permitisse que as cunhadas fossem morar lá.

E por que não? Isso manteria Eliza ocupada enquanto ele estivesse na guerra e ele ficaria mais tranquilo por saber que haveria alguém para cuidar de sua esposa, já que ela teria as irmãs por perto.

Aquela era a questão principal. Eliza precisava delas. Como poderiam recusar?

– Muito bem – anunciou Diana. – Podemos, pelo menos, fazer uma experiência e ver como nos saímos nesse trabalho.

Naquela noite, nasceu a Ocasões Especiais.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Escola De Debutantes 1) Um Duque Para..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).